

161

Filosofia

Ciência&Vida

ANO XIV • www.escala.com.br

SAÍDA DE CENA FILOSÓFICA

120 ANOS SEM NIETZSCHE

A LOUCURA COMO ATESTADO DE MAESTRIA E ÚNICA VIA PARA COMPREENDER TODO O CONHECIMENTO POR MEIO DE ZARATUSTRA E DIONISO

INQUISIÇÃO NO MUNDO DIGITAL
O TEMOR DE SE EXPRESSAR OU SE POSICIONAR POR RECEIO DE SER JULGADO OU ATÉ "CANCELADO"

TOCQUEVILLE: INSTRUIR A DEMOCRACIA
DEVERES DE ADAPTAÇÃO E MUDANÇA DOS GOVERNOS PARA PRESERVAR INTERESSES DE TODA A SOCIEDADE



PARA O PROFESSOR

PERGUNTAS QUE MERLEAU-PONTY QUIS RESPONDER EM SEUS PRIMEIROS TRABALHOS

SUMÁRIO

161



26_ CAPA: NIETZSCHE E A LOUCURA

Dotado de inteligência ímpar e hábil no disfarce e no mascaramento, o mistério da insanidade do filósofo ainda suscita interesse. Seria ela signo de derrota ou de vitória irônica que se encerrou com uma saída de cena filosófica?

36_ CATEQUESE E CIÊNCIA

Vendida por 450 milhões de dólares, a obra Salvator Mundi, de da Vinci, nos oferece uma realidade transcendental, metafísica e desconhecida: tudo se nivela e se torna "um". E, assim, a mensagem do artista sobrevive por séculos.

42_ RELIGIÃO - MORALISMO, TENTAÇÃO ETERNA

A manifestação do cristianismo no Brasil se dá, sobretudo, de forma moralista, especialmente quanto às questões sexuais. Valores como a misericórdia e a caridade dão lugar à intolerância.

48_ DAS MADONAS ÀS PROSTITUTAS

Uma análise das imagens das mulheres no Ocidente moderno passa por Maria e Maria Madalena para identificar os contatos sagrados e profanos entre o passado e o presente.

60_ INQUISIÇÃO DA WEB

Apesar de as pesquisas revelarem queda no número de usuários do Facebook e menor tempo passado nessa plataforma, as redes digitais fizeram surgir um novo fenômeno: o temor de se expressar ou se posicionar por receio de ser julgado ou até "cancelado".

10_ INSTRUIR A DEMOCRACIA

Marcelo Jardim nos recorda as lições de Tocqueville: entre os deveres dos governos estão o adaptar-se às condições de tempo e lugar, o mudar conforme as circunstâncias e os homens. Tudo pela preservação dos interesses da sociedade.

16_ AUSENTE NOTÁVEL

Perante a falta da consideração do verbo "ser", a construção filosófica segue por novas formas de associação que expliquem as diversas manifestações da natureza. É assim que surgem as tentativas de pensar de modo estrutural e holístico.

22_ EMIL MIHAI CIORAN

O filósofo romeno é conhecido por suas ideias sobre a morte, o desespero e o vazio. Lido por pensadores e escritores modernos, Susan Sontag descreveu o seu filosofar como "pessoal, aforístico, lírico e antissistemático".

LEITURA RÁPIDA

05	CAUSA&EFEITO
08	A PRIORI
15	CINÉFILO
21	DEEP ECOLOGY
56	INTERSECÇÃO
59	TECNAMENTE
64	IPSIS LITTERIS
65	CARTAS
66	A POSTERIORI

CADERNO ESPECIAL

PARTE 1 ESTUDO DA PERCEPÇÃO

As perguntas que o filósofo francês Merleau-Ponty quis responder em seus dois primeiros trabalhos.

PARTE 2 EDUCAÇÃO BÁSICA

Os desafios de um professor na prática de seu mister sob a luz de Marx, Schopenhauer e Foucault.

O caminho do conformismo

POR **ADRIANO CORREIA**

Nós, que vivemos uma época em que uma criança, em condições ideais, pode acessar o ensino público desde a mais tenra infância, e em que os pais têm o dever de matriculá-las na escola, podemos ter dificuldade para perceber o quanto uma escola pública potencialmente universal a ser garantida pelo Estado e o dever de prover o acesso à educação básica são invenções historicamente recentes.

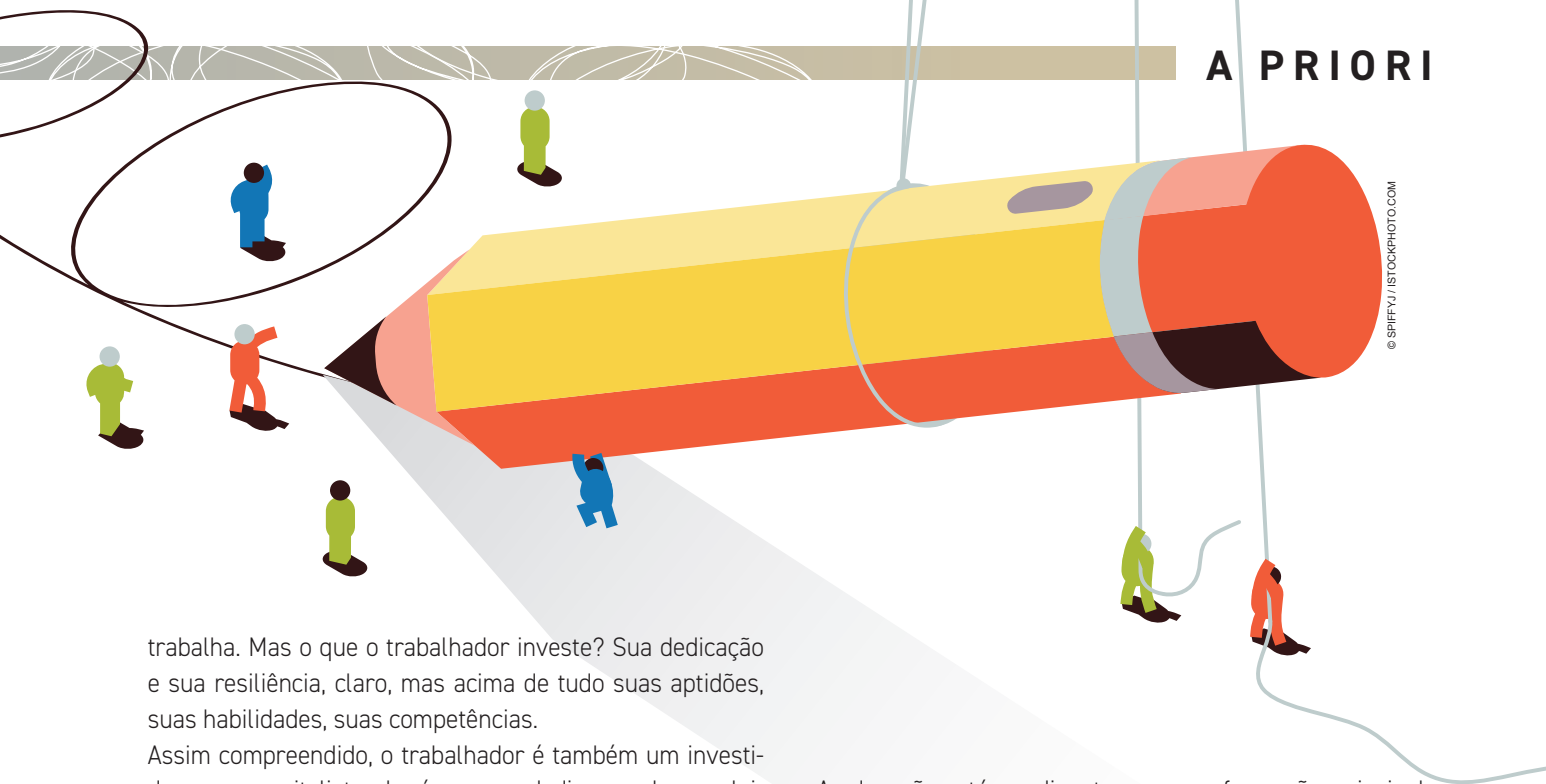
A educação, como a conhecemos, desenvolve-se a partir da escola republicana tal como foi concebida nos desdobramentos da Revolução Francesa, demarcada pelo projeto iluminista de emancipação individual e do gênero humano por meio da razão. A escola republicana herdava do humanismo a compreensão da dignidade dos bens culturais do passado, que mereciam toda a preparação para acessá-los, mas rejeitava o passado como tradição e seu uso na tutela das condutas.

Esta escola apostava no desenvolvimento integral do indivíduo a partir do acesso à cultura, da preparação para o trabalho e da formação para a cidadania com base no desenvolvimento da capacidade de pensar e de julgar por si próprio, de articular o pensamento crítico no espaço público, sustentando de modo argumentado as próprias posições e sendo capaz de imaginar e avaliar as posições dos outros cidadãos e debater com eles. A escola e a formação assim compreendidas se consolidaram e se expandiram nos últimos duzentos anos, com crises maiores ou menores, mas apenas nas últimas décadas foram confrontadas por uma concepção de educação que lhes é inteiramente antagônica e vem prevalecendo progressivamente, a partir da ação de patrocinadores poderosos – e nada republicanos.

“A educação está em disputa porque a formação, principalmente a incessante, tem papel central na conformação do empresário de si mesmo”

Em 1979, Michel Foucault ministrou no Collège de France um curso intitulado Nascimento da biopolítica. Neste curso ele buscou examinar a arte liberal de governar, cuja demarcação seria imprescindível para compreender o longo processo de desenvolvimento de técnicas de gestão da vida da população cada vez mais eficazes e sutis. Em sua análise ele se detém nos fundamentos do liberalismo e na sua profunda transformação ao longo do século XX, principalmente a partir do neoliberalismo germânico e austríaco (ordoliberalismo) e estadunidense (anarcoliberalismo). Foucault emprega o conceito de neoliberalismo em um contexto no qual a palavra ainda está distante das disputas políticas ordinárias e com o claro objetivo de indicar as novidades representadas por essas escolas em relação ao liberalismo clássico.

Quando se reflete sobre o neoliberalismo estadunidense, um exemplo primordial sobre o qual Foucault se detém é o da teoria do capital humano, desenvolvida por economistas como Gary Becker e Theodore Schultz, ambos laureados com o prêmio Nobel de Economia. Uma das diretrizes fundamentais dessa teoria é a de pensar o trabalho não como um dispêndio de tempo e energia para engendrar produtos e lucro (e expropriação, por conseguinte), mas como uma conduta econômica, um investimento por parte de quem



trabalha. Mas o que o trabalhador investe? Sua dedicação e sua resiliência, claro, mas acima de tudo suas aptidões, suas habilidades, suas competências.

Assim compreendido, o trabalhador é também um investidor ou um capitalista, alguém que se dedicou ao desenvolvimento de aptidões desejadas pelo mercado, visando galgar posições cada vez mais elevadas no jogo competitivo por ganhar rendas cada vez mais elevadas. Essas aptidões, que são seu capital, dependem de elementos inatos e ambientais, claro – como saúde e condições de desenvolvimento adequado na primeira infância –, mas o que é decisivo aqui são os elementos adquiridos, que são, antes de tudo, como nota Foucault, investimentos educacionais, e não apenas no âmbito da escola. As investigações de Gary Becker sobre as estruturas familiares e as de Theodore Schultz sobre desenvolvimento nacional e investimento em capital humano conformam o escopo de suas análises mais gerais.

A educação desloca-se, assim, para o centro dos investimentos na economia nacional, com implicações notáveis na natureza desse ensino. Assim como no liberalismo clássico, a educação possuía a dimensão pública fundamental de contribuir para a constituição da capacidade de julgar por conta própria, de participar do debate público e de se inserir em uma comunidade de cultura, consoante à teoria do capital humano, a função precípua da educação consiste em equipar os indivíduos, em formação “do berço à tumba”, com habilidades e competências que lhe permitirão ganhar este ou aquele salário e aceder a determinados padrões de consumo. Isso pressupõe “foco” (o que inclui não considerar qualquer outra forma de vida possível), disponibilidade permanente para o autoajuste às variáveis do meio e um processo interminável de aquisição de competências e de capacidade de adaptação.

A educação está em disputa porque a formação, principalmente a incessante, tem papel central na conformação do empresário de si mesmo. A concepção de uma formação interminável, a disponibilidade incessante para a aquisição permanente de novas habilidades e competências em um indivíduo que a todo tempo busca estar atraente para o mercado tendem a promover um imenso conformismo – a resistência ou a crítica tendem a prejudicar a renda. Certamente é por isso que Foucault sustentava que o agente econômico na teoria do capital humano é o indivíduo eminentemente governável, porque desenvolve um modo de vida que busca ver mesmo nas piores catástrofes, políticas ou naturais, oportunidades de negócio.

Em uma sociedade de empreendedores, de indivíduos-empresa cujo principal patrimônio é seu capital humano, com suas habilidades em constante ajuste e implementação, a formação desloca-se para o centro do processo de produção e a escola é progressivamente colonizada pela lógica empresarial, que não admite distração do “foco” por demandas culturais e de cidadania. Que lugar pode haver para a filosofia e as humanidades em tal concepção de formação? E para a democracia? É o que veremos no texto da próxima edição. 🌿



ADRIANO CORREIA é professor de Filosofia da Universidade Federal de Goiás e presidente da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia (ANPOF).

INSTRUIR A DEMOCRACIA

Pela voz de Marcelo Jardim, recordamos que entre os deveres primeiros dos governos estão o adaptar-se às condições de tempo e lugar, o mudar conforme as circunstâncias e os homens. Tudo pela construção dos verdadeiros interesses da sociedade

COLABORAÇÃO DA ANPOF
POR **ROSÂNGELA CHAVES**





Professor da PUC-RJ (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), com mestrado e doutorado em ciência política pelo IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro) e pós-doutorado pela Universidade de Stanford (EUA), Marcelo Jasmin é um dos maiores especialistas no Brasil na obra de Alexis de Tocqueville (1805-1859), o autor do clássico *A Democracia na América*.

Pesquisador do CNPq, Jasmin publicou, entre outros, os livros *Alexis de Tocqueville: a Historiografia como Ciência Política e Racionalidade e História na Teoria Política* (Editora UFMG), além de diversos artigos e ensaios sobre a relação entre a história e a teoria política em periódicos e coletâneas. Na entrevista a seguir, concedida por *e-mail*, Jasmin discorre sobre o vigor da obra tocquevilliana, fundamental para pensar sobre os desafios da democracia no mundo contemporâneo.



Filosofia Ciência&Vida: Por que é importante ler a obra de Tocqueville nos dias de hoje e em quais aspectos ela pode nos ajudar a compreender o nosso próprio tempo?

Marcelo Jasmin: A força da reflexão de Tocqueville se espalha em muitas direções, especialmente na sociologia, na política e na história. Pensando nos dias de hoje, poderíamos salientar que Tocqueville nos ensinou a ver a democracia não apenas como forma de governo, mas como forma de sociedade assentada na ultrapassagem da desigualdade hierárquica do mundo aristocrático e na progressiva aproximação

das condições sociais entre nobres e plebeus, com a universalização do acesso aos postos e benesses públicos. E também nos asseverou que uma dada direção da história em um certo período não implica garantias de continuidade desta direção. E, tanto num caso, como no outro, insistiu que a liberdade política depende da ação cívica interessada no bem comum.

Conservador, liberal, democrata, republicano. Os intérpretes da obra de Tocqueville o classificaram de diferentes formas ao longo do tempo. Como o senhor situa Tocqueville dentro do espectro político? É difícil enquadrá-lo dentro de uma classificação?

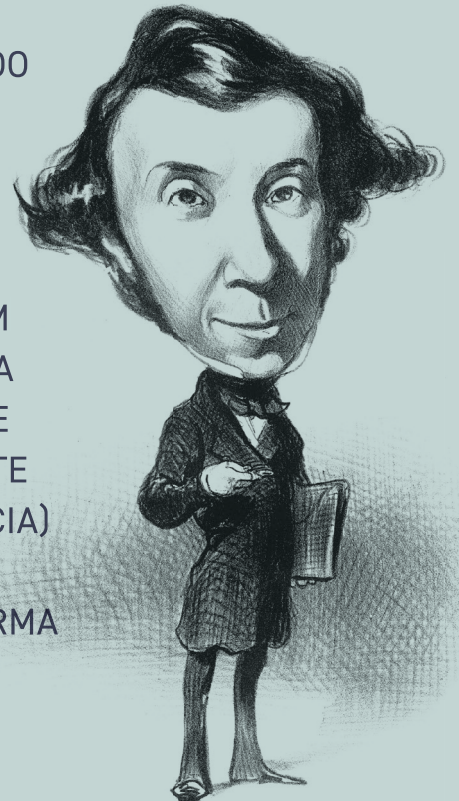
Não acho que Tocqueville possa ser classificado em apenas uma destas rubricas. Sem dúvida, ele é um liberal no sentido de que a liberdade dos indivíduos deve ser preservada da intervenção estatal. Também é um conservador no sentido de recusar as mudanças bruscas operadas pela vontade na história, não porque a vontade seja ilegítima, mas porque a ação revolucionária costuma trazer consigo consequências catastróficas não antecipadas, como ele avalia, por exemplo, no caso do terror francês. Também é um republicano visto que não concebe a liberdade política sem uma cidadania ativa e uma participação livre na decisão comum dos assuntos comuns. Não é um democrata por convicção ou gosto. O seu receio de que as massas possam desprezar as instituições e as minorias limita a sua adesão à democracia. Todavia, ao mesmo tempo, a sua análise da modernidade reivindica uma adesão racional aos avanços igualitários da sociedade democrática que ele considera mais justa do que o mundo aristocrático de seus pais.

Em *A Democracia na América*, Tocqueville discorre sobre os perigos que ameaçam as sociedades democráticas e um deles é o que ele chama de “tirania da maioria”. Sob o ponto de vista tocquevilliano, como esta pode ser definida?

A tirania da maioria é um fenômeno moderno, da sociedade de massas, nas quais há o risco de se

querer aplicar a regra majoritária, legítima para a tomada de decisão e para a eleição de representantes, a outros campos da experiência, como, por exemplo, a opinião, os costumes, a verdade ou a inteligência. Há tirania da maioria quando a força de convicção da maior parte da população é de tal ordem que inviabiliza a expressão (e eventualmente a sobrevivência) daqueles que pensam de forma diferente do senso comum majoritário. Trata-se de um fenômeno que atinge o espírito e a disposição das pessoas em divergir e afirmar os seus pontos de vista, o que pode levar a uma espécie de autocensura ou autoexílio de indivíduos no seio da sociedade. Para dar um exemplo do próprio Tocqueville: se a Inquisição atuava com repressão violenta sobre aqueles que ousavam divergir, a tirania da maioria esvazia, antecipadamente, o ímpeto de o indivíduo vir a público manifestar sua divergência.

“HÁ TIRANIA DA MAIORIA QUANDO A FORÇA DE CONVICÇÃO DA MAIOR PARTE DA POPULAÇÃO É DE TAL ORDEM QUE INVIABILIZA A EXPRESSÃO (E EVENTUALMENTE A SOBREVIVÊNCIA) DAQUELES QUE PENSAM DE FORMA DIFERENTE DO SENSO COMUM MAJORITÁRIO”



Tocqueville também formulou essa estranha expressão denominada “despotismo democrático”. Como um regime pode ser despótico e democrático ao mesmo tempo?

Isso exigiria muito espaço para tratar. Muito simplificada, a sociedade democrática, para Tocqueville, se funda na igualdade de condições de seus habitantes. Se esta igualdade não está associada a uma liberdade política, caracterizada por presença cívica no espaço público, pode-se constituir um novo tipo de sociedade no qual o poder estatal não agride nem oprime fisicamente, como no despotismo tradicional, mas exerce a sua plena soberania sem qualquer contraponto ou resistência por parte de seus súditos, que se satisfazem com o gozo de interesses e prazeres privados em segurança. O despotismo aqui se refere menos à natureza do senhor do que à ausência de espírito público dos indivíduos que perdem a capacidade de agir e de pensar publicamente e tornam-se dependentes, pois esperam que a solução de seus problemas seja sempre oferecida pelo Estado. Penso que poderíamos aproximar, em alguma medida, a ausência de atividade política dos súditos do despotismo democrático com o vazio e o silêncio do espaço público imaginado no despotismo oriental de Montesquieu, e também associar o espírito destes súditos àquele que configura a menoridade em Kant.

Alguns estudiosos da obra de Tocqueville consideram que ele, de certa forma, anteviu o fascismo que eclodiria no século XX e volta a nos ameaçar no século XXI, quando falou dos perigos representados pelo “Estado tutelar”. O senhor concorda com essa interpretação?

Outros pesquisadores viram o Estado soviético, o totalitarismo etc. Contudo, acho que estes fenômenos estavam fora do alcance de Tocqueville, que não conheceu nem as fases avançadas do imperialismo nem a Primeira Guerra Mundial. Penso que se trata de um desejo de encontrar antecipações que não podem ser verificadas.

A grande ideia mestra que perpassa A Democracia na América é a da igualdade, como mola propulsora de transformações

sociais, políticas, culturais. Por outro lado, o grande desafio do mundo contemporâneo é a gigantesca desigualdade em todos os níveis, vista como a grande ameaça à democracia.

Como as ideias de Tocqueville podem contribuir para esse debate?

Para Tocqueville, só há sociedade democrática se as desigualdades internas a ela não inviabilizam a mobilidade social e as possibilidades de acesso dos cidadãos às posições de prestígio social. Se a desigualdade alcança níveis de impedimento desta mobilidade, então se cria um tipo de desigualdade hierárquica que é própria das sociedades hierárquicas, pré-modernas. Como não há nenhum tipo de certeza sobre o futuro, como aquela que era garantida pelas filosofias da história, isso pode vir a acontecer.

Outra noção importante desenvolvida por Tocqueville é a de individualismo, que ele classifica como uma espécie de “doença” da modernidade. Por que o individualismo, para Tocqueville, é tão deletério?

Para Tocqueville, o egoísmo é uma depravação de espíritos particulares que só se preocupam consigo mesmos, e existe em todas as épocas históricas. Já o individualismo é especificamente moderno e democrático (no sentido tocquevilliano) e decorre do fato de que os indivíduos, na insegurança social do mundo das massas e da economia moderna, tendem a se preocupar muito mais com a sua posição pessoal e familiar do que com o bem comum e a coisa pública. É um fenômeno que abrange o conjunto dos indivíduos da democracia. Ele é especialmente deletério quando a necessidade de proteção dos interesses de um grupo – seja uma família, uma elite, uma corporação – ultrapassa a disposição de considerar os interesses e as necessidades dos demais, o que corrompe qualquer espírito cívico e, conseqüentemente, a liberdade política.

Tocqueville era um grande entusiasta do poder da associação como forma de preservar as liberdades democráticas. Seria este ainda o caminho viável para lutar contra as ameaças à democracia nos dias atuais?



Este foi um caminho fundamental, por exemplo, quando superamos a ditadura no Brasil. Hoje em dia tem de ser repensado a partir dos desafios postos pelas redes sociais e pela inteligência artificial (especialmente o *deep learning*) que estão transformando radicalmente as formas de comunicação entre os cidadãos. Até onde eu consigo vislumbrar, a perspectiva da associação ainda é um antídoto contra o individualismo, contra a prevalência do autointeresse e da desconsideração pelos outros na vida comum. A associação é a menor unidade de um mundo comum que está ameaçado de desaparecer nas condições atuais da técnica.

Na sua opinião, como o autor poderia classificar os Estados Unidos neste século XXI? O país continuaria sendo um modelo de democracia que poderia inspirar outras nações?

Não acho que temos condições de responder qual seria a avaliação de Tocqueville sobre os EUA atuais. Mas o avanço nos direitos de igualdade de mulheres, negros, grupos e indivíduos que se reconhecem sob a legenda LGBT, avanço que é maior naquele país do que na maior parte do mundo, é uma continuidade das tendências igualitárias que ele previu (como no caso do fim da escravidão negra e dos direitos iguais entre homens e mulheres). Mas a desigualdade crescente, que não é especialmente norte-americana, mas global, opera em sentido inverso do que ele imaginou como democracia. Note-se que o socialismo era um dos horizontes imaginados por Tocqueville como futuro possível daquela democracia de seu tempo, e o fim do comunismo também aponta para o esvaziamento de uma das tendências, pelo menos teoricamente, igualitárias do século XIX.

Como é a recepção da obra de Tocqueville hoje no Brasil? Há um aumento do interesse dos pesquisadores e do público pelo pensamento tocquevilliano?

É certo que o interesse pela obra de Tocqueville é crescente. Quando comecei a estudar



“HOJE EM DIA TEM DE SER REPENSADO A PARTIR DOS DESAFIOS POSTOS PELAS REDES SOCIAIS E PELA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (ESPECIALMENTE O *DEEP LEARNING*) QUE ESTÃO TRANSFORMANDO RADICALMENTE AS FORMAS DE COMUNICAÇÃO ENTRE OS CIDADÃOS”

Tocqueville no meu mestrado no IUPERJ, em 1983, só havia no Brasil a tese pioneira da professora Celia Quirino dos Santos, escrita em 1982, embora iniciada anteriormente em seu exílio na França, e que só veio a ser publicada em 2001. Na banca de qualificação de meu mestrado, por volta de 1984, um dos avaliadores duvidou mesmo que se pudesse fazer um bom estudo acadêmico sobre Tocqueville no Brasil (vale lembrar que naquela época não havia *internet*, nem *e-mail*, e a informação bibliográfica era feita em fichários de biblioteca e catálogos impressos; um livro importado demorava cerca de seis meses para chegar e com um custo altíssimo). De lá para cá houve uma profusão de trabalhos acadêmicos em várias áreas do conhecimento, na política, na sociologia, no direito, na história, na filosofia... Mas este não é apenas um interesse brasileiro, é mundial, e a produção acadêmica hoje tornou-se impossível de se acompanhar. Para não falar da presença de Tocqueville em vários discursos públicos e na imprensa em geral. 🌿

Rosângela Chaves é jornalista, doutora em Filosofia pela UFG e professora da Faculdade Católica de Anápolis (GO).

Em busca da escuta perdida

POR **ÉRICO ANDRADE**

A referência à obra de Victor Hugo não poderia ser mais dolorosamente atual. Mais grave: verdadeira. O que se retém de *Os Miseráveis* não é certamente o cristianismo de Victor Hugo e que, na periferia de Paris, não é mais hegemônico. Talvez em lugar nenhum do mundo. O cristianismo que porta a esperança da redenção por meio do perdão. É o sofrimento dos miseráveis, e não a esperança encarnada em Jean Valjean (a personagem emblemática do livro), que é retratado na película cujo título é o mesmo da célebre obra de Hugo. No entanto, falemos dos miseráveis do século XXI que tampouco são os franceses que conhecemos quando avançamos nas páginas daquele clássico romance.

Os miseráveis são os franceses que, como se mostra nas primeiras cenas do filme, portam orgulhosamente a bandeira da Argélia na vitória da copa do mundo da França. Os franceses que são do Magrebe (do norte da África) e que são também africanos negros vulneráveis a uma forma específica de precarização e que dá o tom dos atuais miseráveis. É precarização implicada na vida dos imigrantes dos países vítimas da colonização francesa. É sobre os miseráveis da próspera França do século XXI que o filme se desenrola. É sobre a sua história.

Distantes de Paris, e próximos uns dos outros, os miseráveis vivem a uniformidade de uma vida paralela às marcas francesas (as feiras que vendem produtos falsificados), aos monumentos históricos (que não aparecem no filme), ao acesso à cultura (nenhum equipamento cultural é destacado). Vivem no tom monocromático dos prédios iguais, só rompido com pichações. Vivem sob a anuência de autoridades não menos repressoras do que a própria polícia. Vivem naquilo que não deixa de tangenciar uma estrutura similar às galés (prisões) narradas por Hugo.

A revolta estudantil de *Os Miseráveis* dá lugar à revolta contra todo o sistema protagonizada pelas crianças que

superam as diferenças culturais para se unirem contra todas as formas de opressão às quais estão submetidas. Por isso, o fim do filme é marcado por explosões de todos os atores que negaram às crianças o direito de viverem a sua infância. Mas não se trata de qualquer infância. É a infância roubada pela violência que não poderia reagir à violência senão pela violência na qual foram cultivadas; como diz a frase de Hugo presente nos créditos logo após o encerramento do filme. Lembrando que em francês a expressão *cultiver* tanto se aplica às plantas como ao ensino.

Nesse sentido, a cena com a qual o filme se encerra nos desampara porque quando estamos encurralados pelo ressentimento e não temos acesso à educação, a violência se apresenta tanto natural como incontornável. É quando, como diz ainda Hugo, "a desesperança cerca os lugares frágeis que deixam todos submetidos ao vício e ao crime" que nos damos conta de que para romper um ciclo de opressão é preciso acabar com aquilo que está na sua base: a superioridade moral que se expressa muitas vezes na compreensão de que certo sofrimento, por ser supostamente maior do que os demais, pode subtrair o político, a nossa capacidade de diálogo. Talvez apenas com a consciência de que todas as personagens da periferia de Paris são miseráveis, cada uma ao seu modo, é que se poderá desenhar os passos para a revolução mais urgente no mundo contemporâneo: a escuta. 🌱



Título: Os miseráveis

Diretor: Ladj Ly

Gênero: Drama

Duração: 100 min



ÉRICO ANDRADE é filósofo, psicanalista em formação, professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
ericoandrade@gmail.com